

MEDICALIZAÇÃO E DEVIR: impasses existenciais na era da técnica¹

Jurema Barros Dantas²

Resumo: A medicalização da sociedade é um fenômeno que tem sido sinalizado por vários autores desde o século XIX, quando o saber científico se espalhava pelos vários domínios sociais. Mas foi a partir da década de 1940, com a introdução dos psicofármacos, este fenômeno tornou-se cada vez mais intrusivo na vida cotidiana. Ao pensar a relação entre medicamento e tecnologia queremos problematizar o aprisionamento quase total da vida nas malhas de uma lógica técnica que pretende entender a existência humana por princípios deterministas. Há a implicação de uma prática social, que por meio de todo um aparato tecnológico, tem transformado a vida cotidiana num problema médico-farmacológico, e é esta prática que pretendemos compreender. Procuramos elucidar o quanto esse modo de pensar técnico atravessa o viver contemporâneo, transformando situações antes consideradas naturais de serem enfrentadas durante a vida em episódios que merecem ser tratados e solucionados por um conjunto de saberes ávidos em responder os dilemas do existir humano.

Palavras-chave: Medicalização. Tecnologia. Existência. Contemporaneidade.

Abstract: The medicalization of society is a phenomenon that has been flagged by many authors since the nineteenth century, when the scientific knowledge spread by various social fields. But it was from the 1940s, with the introduction of psychiatric drugs, that this phenomenon has become increasingly intrusive in everyday life. While analyzing the relationship between medicine and technology we want to question the almost total life imprisonment in the meshes of a technical logic that aims to understand human existence by deterministic principles. There is the implication of a social practice, which through an entire technological apparatus, has transformed everyday life in a medical-pharmacological problem and is this practice that we want to understand. Seeking to elucidate how this technical way of thinking through the contemporary living, transforming situations, once considered natural to be faced in life, in episodes that deserve to be treated and solved by a set of knowledge eager to answer the dilemmas of human existence.

Keywords: Medicalization. Technology. Life. Contemporary.

¹Conferência apresentada no V Encontro Ludovicense de Fenomenologia, Psicologia Fenomenológica e Filosofias da Existência no período de 27 a 29 de abril de 2015 no Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

²Professora do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. E-mail: juremadantas@ig.com.br

1 INTRODUÇÃO

Os medicamentos de base química assinalaram uma revolução nas atividades de saúde pública e no exercício da medicina, alcançando lugar hegemônico na terapêutica contemporânea. Algumas pesquisas³ demonstram que o uso de medicamentos está ultrapassando as fronteiras de um recurso terapêutico. Os avanços tecnológicos trazem promessas sedutoras de soluções rápidas para abolição de qualquer desconforto físico ou emocional. Festejamos com certa euforia as maravilhas da neuroquímica da vida cotidiana, o que parece refletir um crescente anseio social por mais saúde e realização absoluta de todos os desejos.

Acabamos por nos aprisionar nos ideais de imortalidade e sucesso presentes nas teias tecnológicas, acreditando que nossa saúde e bem-estar são bens preciosos que se encontram em risco, ameaçados pelo jeito de ser e de viver dos nossos tempos. A subjetividade vem sendo reduzida a uma função biológica que promete descrever os modos de ser e estar no mundo em termos de equilíbrio químico e o medicamento, neste contexto, se apresenta sob as mais diversas formas e conteúdos, enquanto possibilidade concreta de realização dos ideais contemporâneos.

Acreditamos que, na atualidade, evidencia-se uma existência fragilizada que, mergulhada no impessoal, utiliza o ruído dominante das atividades ininterruptas e o embotamento das mais diversas drogas ou tranquilizantes. Circunscrita por discursos e saberes, que dela faz um sintoma, a existência tornou-se facilmente objeto de medicação. O homem, compreendido como um ente passível de determinação e cálculo, parece encontrar nas promessas, amparadas nas neurociências, a possibilidade de decifrar o funcionamento do cérebro e explicar a subjetividade humana.

Nossas questões existenciais se desvelam, nesse cenário, como “sofrimentos” que devem ser aliviados por terapias, medicamentos e vultosas distrações. Há uma rede de consumo e de novidades instantâneas que pretendem agradar todos os gostos. Nesse modo de desvelamento de nossa época consumista, globalizada e informatizada que vivemos, não há espaço para sofrimento, tristeza, imprevisto, morte, doença, enquanto fatores naturais da vida humana. Há espaço

³Tese de doutorado em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da UERJ realizada por Marilene Cabral do Nascimento.

para o consumo desmedido, para cristalização das diferenças, para manutenção das ilusões em busca de felicidade, riqueza, juventude eterna e imortalidade.

Queremos problematizar este modo de desvelamento histórico que pretende – pelo controle e previsibilidade – explicar nossos impasses existenciais por desequilíbrios químicos em nosso cérebro. De que modo este corpo adquire forma a partir deste horizonte tecnológico? De que maneira entendemos os diferentes modos de subjetivação a partir desta cultura⁴ tecnicista? E, por fim, que lugar o medicamento ocupa neste ideário científico?

2 MEDICALIZAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Vendiam-se panaceias contra tudo, literalmente tudo, de calvície a doença venérea. De esgotamento nervoso a desânimo sexual, passando por dor de cabeça, problemas renais, varizes, cravos e espinhas. Não havia mal que um xarope, uma pílula ou um unguento não curasse quase instantaneamente. (VIEIRA, 2003, p. 131).

Nossa análise nasce de uma tentativa de explicar o papel do medicamento na contemporaneidade, enquanto objeto mergulhado na desmesura tecnológica. Objeto que a modernidade consagrou e que as novas tecnologias multiplicam com extrema sofisticação. Trata-se de problematizar esse horizonte histórico que entende o corpo como uma configuração orgânica, condenada ao adequado uso de determinadas substâncias que aparecem como salvadoras. Parece-nos que os avanços tecnológicos pretendem ultrapassar a própria condição humana através de saberes hegemônicos que, para além da organicidade e a materialidade do corpo, procuram superação em ideais artificiais, virtuais e imortais. A tecnologia, com seus discursos e saberes, parece nutrir as almas e os corpos contemporâneos.

O lugar do medicamento em nossa sociedade está diretamente associado às mudanças científico-tecnológicas do campo da medicina e dos avanços operados pela indústria farmacêutica. Percebemos que a história dos medicamentos confunde-se com a história da própria medicina, uma vez que esta tem uma história condicionada pelas circunstâncias sociais, econômicas, políticas e culturais.

⁴Utilizamos o conceito de cultura tal como trabalhado no livro de Laraia (2006).

Antes do século XV, o diagnóstico e a cura das doenças eram uma prática médico-religiosa, a cargo de xamãs e de sacerdotes. Com o passar dos anos, a partir das próprias demandas sociais no que se refere ao binômio saúde-doença, o racionalismo começou a ocupar lugar de destaque no pensamento ocidental, sobretudo na Grécia antiga; não por coincidência foi que surgiu a medicina hipocrática. Hipócrates, considerado o pai da medicina, sustentava que as enfermidades não eram causadas por deuses ou demônios, mas que resultavam de fatores naturais ligados ao modo de vida. As pessoas adoeciam por causa do trabalho que exerciam, do local onde moravam, do alimento ou da água que ingeriam. Mas não era ainda ciência, no sentido que hoje damos à palavra; tratava-se de inferências resultantes da observação. Nesta época surgiu o hospital, uma instituição asilar, destinada mais a cuidar dos pacientes e proporcionar-lhes conforto, sobretudo na fase terminal, que propriamente a curá-los.

Com o advento da modernidade, por volta do século XV, registrou-se um salto na história da medicina. A época, marcada por grandes mudanças como o surgimento da imprensa, invenção da pólvora, intensificação do comércio marítimo e crescimento econômico, foi revolucionária para o pensamento, trazendo uma mistura de fascínio e terror provocada pelas potencialidades da tecnologia e do conhecimento. Sibilia (2002) acredita que a fé no progresso material, na perfectibilidade técnica e nos avanços da ciência como conhecimento racional da natureza balizaram a forte aposta da medicina enquanto saber capaz de melhorar gradativamente as condições de vida dos seres humanos. Nos primórdios da relação entre medicina e tecnologia havia limites com relação ao que poderia ser conhecido, feito e criado. Limites demarcados por espaços reservados aos “mistérios” da origem da vida e da evolução biológica, onde algumas questões estavam fora do alcance da racionalidade científica.

Nos séculos XVIII e XIX, o cientificismo era visto como capaz de solucionar todas as inquietações do homem. A humanidade parecia, segundo Dantas (2014), se curvar ante uma nova deusa: a própria ciência. No século XX, a ciência decifra o código genético e entra de maneira irreversível nas biotecnologias.

Ao tentar compreender os corpos e subjetividades que estão sendo construídos com ajuda da tecnologia no contemporâneo, compartilhamos com Sibilia (2002) o entendimento de que os artefatos técnicos constituem extensões, projeções

e ampliações das capacidades próprias ao corpo humano. Obviamente essas mudanças se refletem no campo da medicina, tornando o corpo gloriosamente passível de mecanização. Buscamos intensamente, por meio da artilharia tecnológica, um deciframento da vida onde os procedimentos científicos não visam a verdade ou o conhecimento da natureza íntima das coisas, mas somente a compreensão dos fenômenos para exercer a previsão e o controle.

O corpo que outrora se tratava de território desconhecido, apresenta-se hoje como matéria-prima para o domínio e a apropriação total da natureza. Entram fontes lucrativas e de inspiração tecnológica capazes de modelar de forma inusitada as subjetividades próprias do nosso tempo. A medicina que, de início pretendia somente entender e ampliar as capacidades do corpo humano e curar suas mazelas, parece querer controlar e criar a vida. Com suas mais apuradas criações, a ciência contemporânea pretende redefinir todas as fronteiras e todas as leis, subvertendo a antiga prioridade do orgânico e tratando o corpo humano como ente preexistente passível de manipulação e cálculo.

Um imaginário sobre corpo, enquanto objeto de intervenção absoluta, invade a sociedade e nenhuma área da prática social sai ilesa das reivindicações que se desenvolvem a partir das condições corporais na atualidade. Compartilhamos das considerações de Le Breton (2006) sobre o corpo, enquanto lugar de contato privilegiado com o mundo, moldado pelo contexto social e cultural, objeto de representações e imaginários. Em nosso imaginário, este corpo parece ser substrato de todo aparato tecnológico que anseia pela imortalidade e que acredita decifrar com alto índice de precisão a genética humana. Essas novas fronteiras do corpo recortam novas fronteiras subjetivas pautadas na busca pela beleza, juventude e bem-estar constante. Essas subjetividades quimicamente testadas conferem o status de sucesso absoluto do discurso médico com suas promessas de tudo poder ofertar e realizar. Corpos quase perfeitos parecem ser o horizonte da medicina que, aos poucos, torna-se o único discurso verdadeiro sobre a vida e a morte. Banalizamos o discurso médico e o tornamos lugar-comum fazendo com que os medicamentos sejam vistos por um grande número de pessoas como instrumento eficaz para enfrentar enfermidades e promover o bem-estar.

Além da cura ou do alívio de enfermidades específicas, o que se busca nos medicamentos é, no limite, o ajuste ao modelo de juventude e felicidade

permanente que encanta a sociedade contemporânea. Somos afetados pela noção de que podemos encontrar respostas em produtos vendidos nas drogarias e, por conseguinte, estamos imersos numa época que defende a qualidade de vida em pílulas.

Analogamente, há uma tendência em transformar fenômenos de ordem social, política e econômica em problemas médicos, ou melhor, situações antes consideradas normais de serem enfrentadas durante a vida, estão sendo majoritariamente tratadas e solucionadas pela medicina. Medicalizamos não mais a doença, mas os fenômenos inerentes à vida por uma não aceitação da mesma enquanto um processo natural de contínua mudança. A vida deixa de ser uma sucessão de diferentes modos de experimentar a saúde e se converte em uma sequência de substâncias quimicamente testadas que prometem o alívio e a solução para todo e qualquer problema.

Em um cenário em que a medicina torna-se cada vez mais presente e importante no cotidiano dos cidadãos, sem, no entanto, ser capaz de afastar completamente as doenças que assolam a população, os remédios se apresentam como outro polo de ação da ciência médica. Proliferam-se as propagandas de remédios, que ocupam boa parte do espaço destinado aos anúncios comerciais nos principais veículos de informação. A julgar pela quantidade destas propagandas, podemos constatar que o comércio medicamentoso apresenta-se como uma importante área de investimento. Nascimento (2004) afirma que desde o início do século XX, quando foram desenvolvidos os primeiros exemplares das formulações farmacológicas da atualidade, seu campo de abrangência não parou de crescer. Os medicamentos produzidos pela indústria farmacêutica assinalaram uma revolução nas atividades de saúde pública e no exercício da medicina, alcançaram o papel central na terapêutica contemporânea e, simbolicamente, estão ultrapassando as fronteiras do que se entende como mero recurso terapêutico. Desta forma, começa a se delinear uma comercialização da saúde – enquanto promessa de cura – através dos medicamentos.

O discurso da mídia potencializa a crença no poder dos fármacos, apresentando-os como síntese de ciência e tecnologia a serviço da saúde e do bem-estar, mas, sobretudo, como solução mágica para problemas típicos do mundo contemporâneo. A prioridade dada aos medicamentos aliada à intensa propaganda

que esses produtos recebem nos meios de comunicação de massa, explica em grande parte o apelo excessivo às especialidades farmacêuticas observado na sociedade atual. O discurso médico dominante, o modo de comercialização e publicidade dos medicamentos em função de lucros e a forte tendência a se buscar soluções fáceis e instantâneas na sociedade atual, estão entre os motivos que acreditamos influenciar o fenômeno da medicalização social.

Dunley (2005) apresenta que a tecnologia para além do domínio da natureza regressa em nosso corpo, nas próteses com que tentamos saltar além da nossa finitude. Retorna na experiência jubilosa do limite, das fronteiras do possível e da transgressão de valores no campo da ética. Configura-se no gosto doce e amargo, sempre forte, do paradoxo entre a nostalgia do divino e a potência de criação. A partir destas considerações chegamos ao nosso ponto de indagação: de que modo a técnica opera na contemporaneidade? Qual a sua relação com aquilo que chamamos de medicalização da vida?

A indústria farmacêutica que permanece num período de grande expansão está integrada aos novos mecanismos de produção e mercado que se consolidam e torna-se um dos segmentos mais lucrativos da produção industrial contemporânea. O exorbitante aumento da produção de fármacos estabelece, definitivamente, seu caráter capitalista. A produção em massa é aplicada à indústria de medicamentos e a coloca diante da necessidade de fomentar o consumo de seus produtos para ampliar cada vez mais seus lucros.

Assim, nos parece que, na atualidade, para além da cura das enfermidades, os medicamentos são investidos de poderes, valores, sentimentos e sensações obtidas por aqueles que os consomem. Estudos sobre os efeitos nocivos de mercantilização no campo da saúde e sobre a iatrogenia médica e farmacológica, emergiram particularmente a partir de 1970 (CLAVREUL,1978; DUPUY; KARSENTY,1974; FOUCAULT,1977; ILLICH, 1975). Com eles se formulou a crítica à medicalização social, como tendência a considerar as dificuldades da vida problemas médicos ou instância de dominação política e controle dos cidadãos.

Na contemporaneidade, os medicamentos farmacocômicos, legitimados pela ciência e identificados com o progresso, passaram a representar um poderoso instrumento para solução dos mais diversos “problemas” da cotidianidade. Assistimos, atualmente, a uma progressiva compreensão neuroquímica para nossas

questões existenciais. As dificuldades diárias tornaram-se patologias e suas soluções são, por excelência, medicamentosas.

3 A MEDICALIZAÇÃO NA ERA DA TÉCNICA

O capitalismo globalizado investe como nunca na subjetividade, e as novas tecnologias que invadem o cotidiano produzem novas conexões e novos territórios existenciais, promovendo importantes mutações no nosso universo de referências. (AGUIAR, 2004, p.151).

Nossa época se desenvolveu sob o impacto da ciência, da tecnologia e do pensamento racional. A cultura industrial ocidental foi moldada pelo Iluminismo no que se refere ao desejo de uma abordagem mais racional da vida prática. A tentativa de compreender racionalmente o mundo, e a nós mesmos, oferecia uma maior possibilidade de moldar a história segundo nossos próprios propósitos e controlar o futuro.

Esta vasta influência do Iluminismo adentrou o século XX nos fazendo acreditar que com o maior desenvolvimento da ciência e da tecnologia o mundo iria se tornar mais estável e ordenado. Segundo Giddens (2005), estamos frente a uma sociedade que almeja uma excessiva estabilidade e previsibilidade. Vivemos, acentuadamente, numa busca para que tudo esteja cada vez mais sob nosso comando. Queremos uma vida segura e previsível e a ciência e tecnologia estão inevitavelmente envolvidas em nossas tentativas de fazer face aos riscos inerentes do existir humano. Assim, com o avanço acelerado e intermitente das novas tecnologias, assistimos a um mundo construído sobre as bases ilusórias das promessas científicas. Promessas que, numa velocidade espantosa, vem passando a interferir diretamente nos comportamentos e modos de vida na atualidade.

Martin Heidegger (2001a) nos parece ser um dos autores fundamentais para nossa discussão a partir de seus estudos sobre a essência da técnica moderna enquanto um modo histórico de produção de verdade, que se impõe como horizonte de sentido para o mundo contemporâneo. Segundo este filósofo alemão, de grande expressão na filosofia moderna, uma reflexão sobre o contemporâneo é fundamental na medida em que devemos compreender a sociedade em que vivemos a partir das estruturas históricas de sentido em que ela se insere.

Corroborando com nossas considerações anteriores, o autor afirma que a tradição metafísica do ocidente que culminou na ciência moderna é o modo de

desvelamento histórico que predomina no mundo em que vivemos. De acordo com Sá (2004, p. 3), “não se trata de um projeto voluntariamente elaborado e escolhido pelo sujeito, mas, antes, de uma identificação histórica na qual estamos inevitavelmente imersos”. Uma reflexão sobre o fenômeno da medicalização, a partir das considerações heideggerianas, não tem, portanto a pretensão de ultrapassar, no sentido de superar, esse projeto técnico pela instauração de algum outro. Tal objetivo não seria tarefa realizável por alguma vontade individual e, sim, uma possibilidade de transformação histórica do horizonte de sentido a partir do qual o homem apreende a si mesmo e aos outros entes. Queremos problematizar esse modo de desvelamento dominante que torna todos os entes, inclusive o homem, objetos passíveis de serem estudados, medidos, calculados e, porque não dizer, controlados.

Em nosso fazer cotidiano, toda a atividade do homem – seja ela política, social, econômica ou cultural – encontra-se afinada por um único diapasão totalitário: a razão tecnológica. Por todos os lugares ela é a referência do progresso material, do desenvolvimento, do crescimento econômico da indústria e do prestígio de uma nação. A técnica é geralmente interpretada como uma atividade do homem e, sobretudo, um meio para determinados fins. Nessa perspectiva, a técnica é um instrumento, é um dispositivo que envolve objetos, necessidades e fins.

Não podemos negar essa dimensão instrumental da técnica, mas, podemos questionar, por outro lado, se ela diz integralmente do seu ser e da sua verdade. Enquanto estivermos presos a essa concepção da técnica continuaremos inteiramente cegos à sua essência, isto porque “a essência da técnica, não é absolutamente nada de técnico” (HEIDEGGER, 2001a, p. 9). De acordo com Sá (2002) a técnica é um modo de desvelamento e não apenas um meio. Antes de ser uma fabricação de objetos e artefatos, ela é uma produção de verdade pois o modo de desvelamento da técnica moderna não vela pela manifestação do que a partir de si mesmo vem à presença, ela impõe uma provocação para que tudo se exponha apenas como matéria-prima disponível à intervenção técnica. Obter, transformar, acumular, repartir e comutar são os modos dessa provocação que tem o controle e a segurança como suas principais características.

Parece-nos que a época moderna apresenta-nos um modo de ser pautado na disponibilidade, onde todos os entes são postos fundamentalmente e,

exclusivamente, como disponíveis para exploração e consumo global. Se, para a ciência do século passado, como bem nos mostra Dunley (2005), os objetos ainda eram visados com certa neutralidade, pela curiosidade de conhecer, hoje em dia tudo é disposto *a priori* no horizonte de sua possível utilização. Bruseke (2001), a partir do questionamento da essência da técnica, afirma que o sujeito moderno, determinado pela representação e pela vontade, é essencialmente o sujeito do cálculo, e lá onde se erigem as institucionalizações dos seus esforços sistemáticos de conhecer e controlar na forma de saberes científicos impera, inevitavelmente, a lógica de colocar todos os entes como fundo de reserva para conveniência de um determinado uso.

Apoiando-se na sua capacidade de atingir resultados considerados “práticos”, tais como as inquestionáveis conquistas alcançadas pelas pesquisas tecnológicas, sobretudo os avanços da indústria farmacêutica, este modo de pensar calculante progressivamente avança com pretensões de tornar-se o único modo legítimo de pensar. Seguindo a ditadura deste pensar, se criam determinados mecanismos de produção de subjetividade baseados numa sociedade de controle onde nada lhe escapa ou pode escapar. Desta maneira, impõem-se formas de ser, estar, agir e pensar que marcam as formas de adoecimento no contemporâneo e delineiam a forma de experimentação do recurso medicamentoso na atualidade.

Com base nestes aspectos, Bauman (1999a) afirma que o problema da condição contemporânea de nossa civilização moderna é que ela parou de indagar-se. O preço do silêncio é pago na dura moeda corrente do sofrimento humano. Segundo este autor, fazer as perguntas certas constitui, afinal, toda a diferença entre andar à deriva e viajar. Nosso olhar psicológico deve estar despido da indiferença com que se habituou a mascarar os fatos da atualidade através das lentes neutras da ciência. Devemos tentar refletir sobre essa tendência em pensar o recurso da medicação como forma de adequação a um sistema de valores previamente constituídos e, por fim, devemos questionar a busca de solução para todos os conflitos humanos por meio do recurso medicamentoso.

A crítica heideggeriana da ciência e da técnica não questiona a veracidade das mesmas e, muito menos, pretende substituí-las por algum outro modo de saber ôntico mais verdadeiro. O que sua crítica pretende atingir é o modo histórico de relação que se estabeleceu entre homem e técnica na época moderna.

Assim, tendo a era da técnica como este modo imperante e, sobretudo, a necessidade de nos situarmos historicamente, constatamos a urgência de articular a temática da medicalização com este panorama de absolutização do progresso, que tem, como consequência, a própria aniquilação do ser do homem enquanto existente.

Quem se dedica hoje em dia à profissão de ajudar as pessoas psicologicamente enfermas, deve saber o que acontece, deve saber onde está historicamente, precisa esclarecer-se diariamente que aqui está operando um destino antigo do homem europeu; ele precisa pensar de maneira histórica e abandonar a absolutização incondicional do progresso em cujo rastro o ser-homem ocidental ameaça sucumbir. (HEIDEGGER, 2001a, p.129).

Heidegger (2001b) nos convida a refletir sobre a tendência das ciências naturais de se constituírem como critério único de verdade, sobre o modo com que a ciência se relaciona com o mundo estabelecendo um olhar que busca mensuração, controle e domínio. Olhar este que provém e perpassa toda a tradição metafísica do ocidente, desde Platão e Aristóteles até o desvelamento do sujeito pensante de Descartes, que é o fio condutor para a ciência moderna. Mesmo sem adentrar nos meandros de tal afirmação, essa base de pensamento descreve o homem como um sujeito existente por si mesmo, possuidor de uma consciência ou um psiquismo privado, como se cada um fosse uma cápsula fechada. Na época moderna temos a valorização dessa experiência do homem enquanto sujeito encapsulado, o que atenua os conflitos próprios da existência como episódios que dificultam ou, muitas vezes, paralisam o transcorrer da vida. Vale lembrar que a vida que o homem está fadado não é a de uma vivência subjetiva, mas sim, aquela que sinaliza a responsabilidade intransferível pelo sentido e pela realização das suas possibilidades mais próprias de ser. Nossas questões existenciais são, essencialmente, a nossa relação com nossa condição de abertura, nos percebendo não mais como entes simplesmente dados, mas sim, como entes cujo modo de ser está em jogo no tempo, na existência.

Heidegger ao tematizar abertamente o horizonte histórico em que nos situamos e, ao questionar a técnica enquanto o modo de desvelamento preponderante na época moderna, tenta nos mostrar que ela é apenas um dos modos históricos possíveis de desvelamento de sentido. Para este filósofo, pensar sobre a essência de algo significa perguntar o seu modo de presença, e, no caso da técnica, esta é habitualmente entendida como um meio para se alcançar um

determinado fim ou como um fazer do homem. Heidegger (2001a) chama esta concepção de “determinação instrumental e antropológica da técnica”, onde a natureza é intimada a entregar sua energia para que possa ser extraída e acumulada.

Este modo de compreensão sobre a essência da técnica se ajusta perfeitamente ao modo como a enxergamos: os recursos técnicos são colocados a serviço do homem, onde tudo é visto como um meio para se atingir um fim. Seguindo esta compreensão, estabelecer uma relação correta com a técnica equivale a ter sobre ela domínio, colocando-a mais adequadamente a nosso dispor.

No entanto, o fato desta compreensão da técnica ser correta não a torna verdadeira, na medida em que não permite o desvelamento da essência da técnica⁵. Heidegger (2001a), retomando o sentido original do termo técnica, remonta aos gregos, elucidando que a palavra técnica advém do termo grego “*techné*”, que era considerada não somente como um fazer manual, mas era também utilizada para as artes e a poesia. Na ideia de *techné*, está, portanto, o permitir que algo possa vir à luz. O modo de desvelamento da *techné* grega pertence à *poiesis*, enquanto produção que “deixa aparecer” o que se oculta, enquanto que o modo de desvelamento da técnica moderna, por meio da provocação, torna os objetos disponíveis para uso, transformação e consumo. Iluminados por estas considerações, como podemos pensar o fenômeno da medicalização a partir da técnica moderna? Neste modo de desvelamento técnico do contemporâneo há espaço para os fenômenos próprios do existir humano que tanto a medicalização quer sufocar ou encobrir?

⁵Para buscar esta essência, precisamos pensar em como podemos situar a noção de meio e fim. Neste sentido, Heidegger (2001a) afirma que um meio é o modo como algo é efetuado, efeito este que remonta a uma determinada causa. Neste momento, Heidegger nos recorda as quatro causas que Aristóteles destacava: 1.a causa *materialis*, o material, a matéria a partir da qual, por exemplo, uma taça de prata é feita; 2. a causa *formalis*, a forma, a figura, na qual se instala o material; 3. a causa *finalis*, o fim, por exemplo, o sacrifício para o qual a taça requerida é determinada, segundo matéria e forma; 4. a causa *efficiens*, o forjador da prata que realiza o efeito, a taça real acabada. (HEIDEGGER, 2001a, p. 47). Heidegger (2001a) afirma que, de maneira muito diferente da nossa, os gregos enxergavam nas quatro causas um modo de comprometimento em si. São, portanto, modos de comprometimento que permitem que algo apareça. O comprometimento é um ocasionamento no sentido de deixar surgir, um deixar vir à luz algo que não se apresenta. O termo ocasionamento deve ser entendido como um permitir que algo aconteça e não, como habitualmente o entendemos, como uma força capaz de fazer com que algo se dê. Este ocasionar é então, *poiésis*, um produzir. E, no produzir, está sempre presente a ideia de se trazer algo que se encontra velado a uma posição de desvelamento. Vale ressaltar que os gregos têm para o termo desvelar a palavra *alethéia*, enquanto nós a traduzimos como “verdade”, e “a compreendemos costumeiramente como exatidão da representação” (HEIDEGGER, 1997, p. 53).

Na causalidade presente na ciência contemporânea encontramos o querer dispor da natureza, o tornar útil. Toda natureza é provocada a se desvelar enquanto algo a ser explorado, armazenado, transformado e distribuído. Tudo é referenciado a uma determinada utilidade onde o decisivo é o modo como o homem representa objetivamente e calcula os entes com a intenção de dominar a realidade.

O campo é agora uma indústria de alimentação motorizada. O ar é posto para o fornecimento de nitrogênio, o solo para o fornecimento de minérios, por exemplo, para o fornecimento de urânio, este para a produção de energia atômica, que pode ser associada ao emprego pacífico ou à destruição. (HEIDEGGER, 2001a, p.57).

Esta lógica coloca toda a natureza e o próprio homem enquanto fundo de reserva, ou seja, em tudo há uma utilidade, nada pode existir sem uma finalidade. Apenas aquilo que pode ser medido e calculado possui valor e, neste contexto, os conflitos inerentes ao existir humano precisam ser descartáveis na medida em que escapam a qualquer cálculo ou previsibilidade. A tragicidade da vida – problemas, perdas, doença, velhice, tristeza, morte – atrapalha o desenrolar desta lógica de exploração e dominação. Neste âmbito cabe a nossa condição de existentes um trágico destino: um permanente encobrimento desta condição, sobretudo com os processos de medicalização e banalização da existência apregoados na publicidade em geral e veiculados em larga escala pelas indústrias farmacêuticas.

A época moderna, segundo Dantas (2014), aponta respostas instantâneas para as angústias e os mais variados problemas, seja através do consumo, dos prazeres imediatos, da aceleração do tempo com inúmeras ocupações, seja pelas soluções “mágicas” facilmente receitadas pelo médico, pelo balconista da farmácia ou pelo “amigo” de plantão. As questões existenciais foram absorvidas pela lógica de mercado e suas soluções foram transformadas numa química a ser ingerida cotidianamente numa maneira “eficiente” e “prática” de resolução dos problemas que atravessam a vida na contemporaneidade. Parafraseando Renato Ortiz, podemos dizer que o aparato tecnológico – em nosso caso, as variadas substâncias do mundo farmacológico – não é “causa” da mudança social, mas sua fonte potencializadora.

Esse olhar técnico sobre a vida transforma situações antes consideradas normais de serem enfrentadas durante a vida em episódios que merecem ser tratados e solucionados pela medicina. A medicina, saber majoritariamente imerso neste modo de desvelamento técnico, parece ser facilmente um instrumento de

controle para uma série de aspectos da vida numa lógica maciça e muitas vezes velada, de entorpecimento e sedação dos sofrimentos, ou melhor, da vida tal como ela se apresenta.

Nessa necessidade de tudo controlar e prever, os medicamentos são divulgados como fórmulas capazes de restaurar a integridade física e psíquica. Conseqüentemente, a noção de saúde está nitidamente atrelada à cura medicamentosa de enfermidades. A publicidade elege os produtos farmacêuticos como principal forma de resolução dos problemas de saúde e promete por meio deles, o extermínio – seguro, eficaz, eficiente, rápido, moderno e econômico – de todo tipo de patologia. Meta para a qual novas fórmulas têm sido desenvolvidas e aperfeiçoadas incessantemente. E, assim, o medicamento se distancia tanto da noção de saúde quanto de cura, para representar uma intervenção que evoca noções de controle e risco perante a vida. O medicamento químico, síntese de ciência e tecnologia, se constitui em objeto de defesa mágica contra os males do corpo e da alma.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: sobre uma existência farmacologicamente testada

A medicina passa a intervir na saúde dos indivíduos que não estão doentes, mas que demandam ajuda farmacológica para lidar com as 'dificuldades da existência'. As pessoas estão cada vez mais recorrendo aos medicamentos para suportar as pressões e os sofrimentos gerados pela vida contemporânea. (AGUIAR, 2004, p.137).

O discurso veiculado pela indústria da saúde é hoje um dos mais poderosos vetores de produção da subjetividade contemporânea. O vocabulário médico se torna assim uma parte importante da vida cotidiana, regulando a maneira dos indivíduos se comportarem, o tipo de alimentação que usam, as atividades que realizam e o modo de entender e experimentar a própria existência. De acordo com Aguiar (2004) o discurso biomédico invade a cultura e torna grande parte da vida diária dos cidadãos. Vende-se cada vez mais aos indivíduos a ideia de que é necessário que eles conheçam e aprendam a utilizar esse discurso.

Nosso cotidiano incorpora diariamente o vocabulário neurocientífico ao modo como experimentamos a vida, como traduzimos nossos próprios sentimentos, motivações e desejos. Trata-se da produção de realidades que, por meio de práticas

e discursos, engendra novas maneiras de os indivíduos entenderem, controlarem e experimentarem seus corpos e sentimentos.

A tragicidade inerente à vida cotidiana é crescentemente considerada uma experiência que é possível e imprescindível evitar, associada sempre a uma condição patológica. Devendo, assim, ser “aliviada” por todos os recursos tecnológicos, terapêuticos ou medicamentosos. O nosso bem-estar encontra-se, cada vez mais, em pequenas drágeas de felicidade. As pessoas estão cada vez mais, segundo Dantas (2014), recorrendo aos medicamentos para suportar as pressões e os sofrimentos gerados pela vida contemporânea.

Fabricamos facilmente uma receita para o tratamento dos sofrimentos humanos, nos esquecendo que inevitavelmente estes estão ligados às turbulências próprias da vida. Em busca de alívio, cura e conforto nos privamos daquilo que seria originário no humano: angústia, culpa, vergonha, tristeza, frustração e consciência de si. São substâncias artificiais que com suas inúmeras promessas nos oferecem nada menos que soluções também artificiais e paliativas para o bom viver na atualidade.

Na contramão das tentadoras tecnologias, dos produtos sedutores apresentados pela publicidade e das cartilhas que nos dizem como viver e o que fazer, queremos despertar no leitor um olhar para as possibilidades mais próprias da existência. Isto porque os sentimentos, que tanto queremos sufocar e esquecer por meio da medicação, até segunda ordem, não passam da aceitação da vida tal como é difícil, arriscada, cansativa, angustiante e incerta. Nada está adquirido nunca, nada está prometido nunca, senão a morte. De acordo com Dantas (2011), a fragilidade de viver, a certeza do morrer, o fracasso ou o pavor do amor, a fragilidade das relações, a solidão, a vacuidade, a eterna impermanência de tudo. Essa é a vida mesma, e não há outra. Esta é a vida que o contemporâneo tenta prever e encobrir de todas as maneiras, especialmente, com o discurso e a aparato da medicina. “A vida não é uma doença. Viver é viver com todos os riscos. E para esta vida não há *prozac*, há experimentação, reflexão e escolha”. (DANTAS, 2011, p. 61). A sabedoria em se viver na contemporaneidade não está no entorpecimento imposto por uma variedade de substâncias químicas, mas sim, na sua aceitação tal como ela é. Na aceitação de nossa possibilidade de dizer sim e não para todo o espetáculo de luzes e cores que ilusoriamente nos oferece o modo certo de se viver. Aceitar a vida é

aceitar nossa condição de seres livres e mortais, é aceitar uma existência sem predeterminações. “Todas as pílulas do mundo, embora possam nos fazer esquecer essas questões, não podem suprimi-las – e ainda menos responder a elas” (DANTAS, 2011, p. 61).

O modo de pensar contemporâneo parece refutar tais considerações, marcando, através dos recursos tecnológicos e de pesquisas, a intenção de medir os riscos frente a vida e controlar o devir e a existência. O desejo de buscarmos o controle do que ainda está por vir, de só aceitarmos um futuro que se assemelhe às nossas expectativas, de não estarmos abertos ao inesperado, ao fracasso, à mudança de planos e horizontes, evidencia uma não apropriação do nosso modo de ser no mundo que se dá sempre em abertura.

O que quisemos mostrar no decorrer deste artigo é que a medicalização da sociedade é um dos traços significativos de nossa cultura, onde impera a convicção de que a defesa frente ao sofrimento deve ser conquistada a qualquer preço. Em nossa época contemporânea, onde o conforto reside no cálculo e no controle da vida, em vez de habitar serenamente o esforço que nos demandaria suportar as insatisfações e frustrações que experimentamos, só necessitamos lançar mão de um psicofármaco que elimine essa inquietude mediante uma excitação rápida e mágica. Nossos sofrimentos não são tematizados, mas apenas narcotizados. Temos, em doses diárias, uma atenuante narcotização da vida. Na contramão dessa narcotização, buscamos uma compreensão do viver cotidiano, onde ele perde o caráter patológico de algo que deve ser consertado, explicado e controlado, e passa a ser traduzido como um convite à mudança e transformação de nossas possibilidades existenciais.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, A.A. **A psiquiatria no divã**: entre as ciências da vida e a medicalização da existência. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999a.

_____. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999b.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BRUSEKE, F. J. **A técnica e os riscos da modernidade**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2001.

DANTAS, J.B. **Angústia e existência na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Ed. Rubio, 2011.

_____. **Tecnificação da vida**: uma discussão do fenômeno da medicalização na sociedade contemporânea. Curitiba: Ed. CRV, 2014.

DUNLEY, G. **A festa tecnológica**: o trágico e a crítica da cultura informacional. São Paulo: Ed. Escuta/Ed. Fiocruz, 2005.

GALIMBERTI, U. **Psiche e técnica**: o homem na idade da técnica. Rio de Janeiro: Paulus, 2001.

GIOVANNI, G. **A questão dos remédios no Brasil**. São Paulo: Polis, 1980.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989. v. 1 e 2.

_____. A questão da técnica In: _____. **Ensaio e conferências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001a.

_____. **Seminários de Zollikon**. Petrópolis, RJ: Vozes: 2001b.

LARAIA, R.B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

NASCIMENTO, M.C. de. **Medicamentos**: ameaça ou apoio à saúde. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2003.

NOVAES, A. **O homem-máquina**: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PASTERNAK, G.P. **A ciência**: Deus ou diabo. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

SÁ, R.N. A psicoterapia e a questão da técnica. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 348-362, 2002.

SIBILIA, P. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.